

## **A ANÁLISE TEMÁTICA NA PERSPETIVA FUNCIONAL: PARA UM PROCESSO INTERPRETATIVO**

AUDRIA LEAL

(Centro de Linguística de Universidade Nova de Lisboa)

NOÉMIA JORGE

(Centro de Linguística de Universidade Nova de Lisboa /  
Fundação para a Ciência e Tecnologia)

*ABSTRACT: In this paper we present a proposal for a thematic analysis of a text on wine, produced within oenological and commercial activities. Although we assume as epistemological and methodological framework the sociodiscursive interactionism (SDI), the analysis is done on the basis of thematic analysis tools provided by systemic-functional linguistics (SFL), focusing specifically on the concepts of subject (textual meaning, interpersonal and ideational – participant in a process, process, circumstance attendant in a process) and rheme. With this work we demonstrate to what extent the microlinguistical phrasal theme contributes to the thematic configuration of the text and guides to its interpretive process.*

*KEYWORDS: theme-rheme; systemic-functional linguistics (SFL); interpretive process.*

### **1. Introdução**

Este trabalho tem como base epistémica o interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart (1999, 2008), que procura analisar os textos tendo em conta a primazia das práticas (Bronckart, 2006:137). Esta questão remete para a noção de que a compreensão do fazer linguístico implica a análise de situações concretas, nas quais as atividades de linguagem têm o importante papel de assegurar o entendimento coletivo que permite a realização das ações humanas em geral – atividades essas que se organizam sob a forma de textos que, por sua vez, são estabilizados em formas circunstancialmente “cristalizadas” pelo uso. Estas formas, conhecidas como géneros textuais, apresentam características que visam atender a funções sociocomunicativas estabilizadas pelas atividades de linguagem. Esta conceção remete

para duas questões fundamentais: a primeira indexa o género a um conjunto de atividades; a segunda esclarece que na própria ação de linguagem (texto) estarão em evidência componentes que indiciam o género escolhido (na medida em que o texto é a materialização empírica do género). Assim, enquanto a primeira questão diz respeito à relação que se estabelece entre as atividades de linguagem e o género, a segunda é confrontada com a estabilidade do próprio género, apreendida através de elementos que participam efetivamente na realização do texto. Com efeito, Bronckart (2006:143) alerta para a necessidade de se estudar a tríade atividade, género e ação, numa ótica de análise descendente que compreende “as atividades sociais às atividades de linguagem e destas aos textos e a seus componentes linguísticos”. Sob esse ângulo, o texto é trabalhado como um agir de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Os textos são, portanto, resultados das atividades humanas e, como tal, a sua organização e o seu funcionamento dependerão de parâmetros como o contexto situacional, a estrutura, as regras do sistema da língua, as decisões particulares do produtor, entre outros. De entre estes parâmetros, destacamos, neste trabalho, a organização temática como um dos elementos da infraestrutura textual (cf. Bronckart, 2008) que, sensível ao género em que ocorre, manifesta escolhas dependentes das atividades humanas.

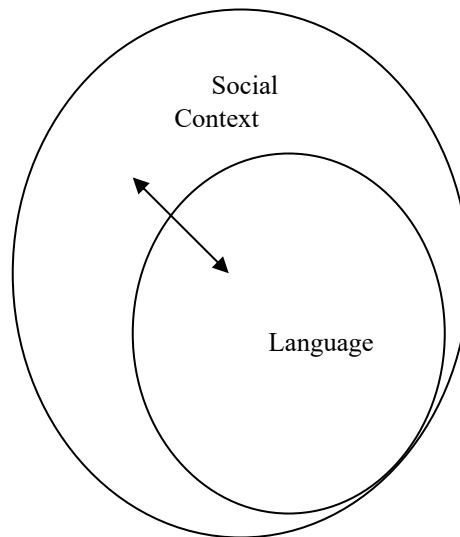
Partindo dos pressupostos acima referidos, propomo-nos, neste artigo, numa abordagem descendente, refletir sobre a forma como a atividade de linguagem pode influenciar a organização temática textual. Para atingir este objetivo, privilegiaremos a perspetiva da linguística sistémico-funcional (LSF) proposta por Halliday (1978), efetuando uma análise das categorias *tema-rema* – e incidindo especificamente nos conceitos de *tema* (*tema participante*, *tema predicador*, *tema circunstante*) e *rema* –, com o intuito de perceber o percurso temático que orienta o processo interpretativo. Assim, procuraremos, em primeiro lugar, abordar algumas considerações teóricas sobre a linguística sistémica funcional, incidindo especificamente sobre as noções de *tema* e *rema*. Numa segunda parte, analisaremos à luz deste instrumento o texto “Douro Encantado” (anexo 1), com o objetivo de mostrar a progressão temática textual. Por fim, procuraremos mostrar de que forma o *tema* e o *rema* poderão orientar o percurso interpretativo da progressão temática textual. Ao longo do trabalho tentaremos ainda demonstrar as possibilidades de análise textual que poderão advir da convergência do ISD e da LSF, dois quadros teóricos que, apesar de distintos, têm como ponto de contato a interação entre a linguagem e a sociedade.

## 2. A linguística sistémica-funcional (LSF)

Segundo Leal (2011), a perspetiva da LSF está hoje em dia entre as teorias mais influentes nos estudos linguísticos. Conhecida também, devido ao seu estatuto de teoria de descrição gramatical, como Gramática Sistémico-

-Funcional (GSF), esta teoria foi desenvolvida no final da década de 70 e início da década de 80 pelo linguista M. A. K. Halliday, ao constatar que a análise formal da gramática ignorava o discurso e o uso da linguagem em situações concretas. Para Leal (2011), o formalismo da época estudava a língua apenas como objeto construído, procurando gerar respostas com base numa estrutura interna, numa análise puramente ascendente, dando pouca ou nenhuma importância à sua função nas sociedades. Por sua vez, a GSF de Halliday, que vem na trilha das teorias funcionalistas, fornece um importante contributo à linguística, ao procurar dar resposta a questões sobre a língua e respetiva inscrição histórica e social, defendendo, para isso, um estudo que relaciona a linguagem, o seu uso e a sua manifestação linguística.

Nos seus trabalhos, Halliday (1978) passa a enfatizar o papel do contexto nas análises linguísticas. Para isso, introduz a noção de *contexto de situação* do antropólogo e etnolinguista Malinowski. Sob este ângulo, Halliday observa que o sistema linguístico responde a um conjunto de componentes funcionais provenientes da relação entre a linguagem e os contextos situacionais. Apresentando-se como um sistema codificado (materialidade linguística) que obedece às funções específicas, a língua revela a própria relação dos seus usuários com o meio em que ela é produzida. Assim Halliday relaciona de forma acentuada a linguagem e seu enfoque social, como mostra o seu famoso esquema abaixo:



Eggin & Martin, 1998: 235

Além disso, a teoria de Halliday considera a linguagem e o contexto como planos semióticos a que se atribuem vários valores e funções, que podem ser resumidos em três metafunções:

- *Função Ideacional* – Esta função marca uma relação entre o usuário e a sua própria realidade física e biológica. Isto é, a função ideacional advém de uma interpretação do mundo e, conseqüentemente, expressa a correspondência entre a experiência individual e o mundo exterior.
- *Função Textual* – Esta função, em que se encontra a realidade semiótica, habilita-nos a produzir um texto, relacionando-se com a própria construção da mensagem.
- *Função Interpessoal* – Evidencia-se, aqui, a relação entre o indivíduo e o meio social. É nesta função que a linguagem é usada para estabelecer um determinado papel comunicativo, expressando, inclusivamente, julgamentos e atitudes.

Em geral estas três metafunções ocorrem em simultâneo ao nível da oração e, conseqüentemente, são observáveis no texto. Para Halliday, (1978: 135) o texto é visto como uma unidade semântica e não apenas como uma junção de frases. De acordo com este autor, são três os fatores que caracterizam um texto e o distinguem de um “não-texto”: a estrutura genérica, a estrutura textual (temática e informacional) e a coesão. Para além disso, considera inerente ao texto a criação dos sentidos (no texto), entendida como um processo contínuo que envolve a interação humana na sua totalidade. Nesta perspetiva, Halliday põe ainda em destaque o texto como um processo contínuo de escolhas semânticas. Como refere o autor:

Persistence and change in the social system are both reflected in text and brought about by means of text. The text is the primary channel of the transmission of culture; and it is this aspect – text as the semantic process of social dynamics that more than anything else has shaped the semantic system.

Halliday (1978: 141)

É importante aqui destacar que o texto é visto como espaço multifuncional no qual se expressa a relação entre a língua e o contexto. Daí que a sua noção de texto seja contrária àquela(s) em que se contempla o texto apenas como entidade estrutural autónoma e descontextualizada. De facto, a LSF entende que a observação dos textos implica a análise da sua relação com as práticas sociais. Neste ponto, há uma grande compatibilidade entre a LSF e o ISD, o que permite conjugar estas duas correntes teóricas.

### **2.1. O tema e o rema**

A questão temática tem sido discutida por diferentes autores a partir de duas perspetivas distintas: uma com base semântica (cf. Rastier, 1989, entre outros autores) e outra numa perspetiva estrutural (cf. van Dijk, 1989, entre outros). O estudo do tema do ponto de vista funcionalista proposto por Halliday (1978) segue, certamente, esta última vertente. De facto, para a LSF o tema relaciona-se diretamente com a construção da mensagem no texto, isto

é, alude à sua estruturação – na ótica funcionalista, a análise temática procura estudar o modo de organização do texto a partir da identificação dos temas e dos remas oracionais.

A propósito da definição do conceito de *tema* na teoria funcionalista, Gouveia & Bárbara (2006) referem o seguinte:

Na lingüística sistêmico-funcional a definição de Tema não é totalmente livre de controvérsias, como um breve levantamento da literatura demonstrará, com definições como: o Tema é aquilo do que trata a oração (Halliday, 1985: 39); é o ponto de partida da mensagem; é a base a partir da qual a oração se alicerça (Halliday, 1994: 38); é simplesmente o rótulo que usamos para sugerir qual significado é associado à primeira posição na oração. [...] O Tema estende-se desde o início da oração até (e inclusive) o primeiro elemento que tem uma função na transitividade (Halliday, 1994: 53); ou, ainda, é o que ocupa uma posição específica na sequência de elementos em algum(ns) tip(s) de unidade (Hasan & Fries, 1995: xxvi). Essas definições, entretanto, não significam exatamente a mesma coisa; nelas o Tema é considerado ou uma função ou uma posição, o que pode levar a concluir que ambas são única e mesma coisa.

Gouveia & Bárbara (1996: 57)

Tendo em conta o caso específico da língua portuguesa (uma língua SVO em que o sujeito pode ser elíptico), Gouveia & Bárbara (1996: 65) assumem o conceito de *tema* como “o assunto da mensagem, aquilo que o falante tem em mente quando começa a produzir uma oração, mesmo que não corresponda a qualquer realização morfológica”. Esta definição mantém os pressupostos teóricos de Halliday (1994: 38) nomeadamente o do *tema* como ponto de partida para a mensagem, como base a partir da qual a oração se alicerça (subentendendo-se ainda o critério da posição inicial) – mas é complementada com a questão da sua realização morfológica (questão essa que encontra justificação no facto de o português ser uma língua SVO em que predominam os sujeitos elípticos). É esta a definição de tema que adotamos no presente trabalho.

Conforme o modelo funcional sistêmico, o *tema* tem várias funções semânticas, que decorrem de o facto de a linguagem realizar as três metafunções já referidas. Neste sentido, Halliday (1985) propõe vários tipos de *temas* relacionados com três tipos de significados (interpessoal, ideacional e textual), a que Morais (1997) recorre para caracterizar as unidades temáticas. As funções semânticas do tema encontram-se sintetizadas no **Quadro 1**.

Ao analisar as funções semânticas do tema, Morais (1997) não descarta, no entanto, a complexidade e a plasticidade da língua – concluindo nesse sentido que os enunciados efetivamente produzidos poderão evidenciar diferentes graus de complexidade ao nível da análise temática. É o que acontece, por exemplo, em (1):

(1) Bem, Joana, mas, por fim, certamente que o Pedro virá à festa.

Em (1) é realizado um tema complexo ou múltiplo, que integra vários elementos textuais (*Bem, mas, por fim*) e interpessoais (*Joana, certamente*) antes do elemento topical obrigatório, de natureza ideacional (*o Pedro*).

<b>Elemento do significado ideacional</b> TEMA IDEACIONAL	<b>Participante (“participant in a process”)</b> Elemento textual que designa a entidade ou objeto (pessoa, instituição, animal, coisa, lugar, estado de coisas) interveniente num determinado estado de coisas.	<i>O Paulo deu à Rita o livro naquela manhã.</i> (tema não marcado) <i>A rolha, roeu-a o rato.</i> (tema marcado)
	<b>Predicador (“process”)</b> Elemento textual que designa a relação que se estabelece entre os participantes no estado de coisas representado ou que designa a propriedade atribuída a um participante.	<i>Chegaram as andorinhas.</i>  <i>Salvaram todos os naufragos, os salva-vidas.</i>
	<b>Circunstante (“circumstance attendant in a process”)</b> Elemento textual que designa uma circunstância relacionada com o estado de coisas descrito na oração principal.	<i>Ontem encontrei a Patrícia.</i>
<b>Elemento do significado interpessoal</b> TEMA INTERPESSOAL	Elemento textual que refere a perspectiva na qual os estados de coisas são representados.	<i>Provavelmente, o cinema português receberá mais apoios do estado.</i> <i>Para Saussure, a língua é um sistema de valores.</i>
<b>Elemento do significado textual</b> TEMA TEXTUAL	Elemento textual que permite relacionar as frases entre si, explicitando a relação existente entre os estados de coisas representados.	<i>Por fim, todos concordaram em ir ao teatro.</i>

Quadro 1: Funções semânticas do tema/diferentes tipos de significado realizados em posição temática (adaptado de Morais, 1997: 31-58)

## 2.2. O tema no texto

Como já vimos, o tema reflete o desenvolvimento do tópico numa perspetiva frásica. Contudo, é possível aplicar este conceito numa perspetiva textual. De facto, a análise do tema pode fazer emergir as relações que as

orações possuem no texto, traçando, assim, um mapa do próprio texto. Deste modo, as escolhas temáticas contribuem para marcar a organização textual. Para Thompson (2004: 164), a análise temática sinaliza a forma como o tema é construído ao longo do texto. Sobre esta questão, o autor afirma que as relações entre o tema e o rema podem ser assinaladas no texto, mostrando, com isso, diferentes funções específicas que visam a significação do texto encarado como um todo. Para Thompson o tema:

- sinaliza a manutenção ou progressão do “assunto do texto” (conteúdo temático) e a construção da coerência;
- pode especificar as escolhas do “framework” com vista à interpretação da(s) oração(ões);
- sinaliza as fronteiras das sessões do texto que se seguem;
- sinaliza o que o “falante” pensa ser útil, viável e importante como ponto de partida.

O rema, por seu turno, terá a função de fornecer conteúdo, desenvolvendo, para isso, a informação que o produtor quer endereçar ao seu leitor.

### 3. Análise de texto: o caso do “Douro Encantado”

Nesta secção apresentaremos a análise do texto “Douro Encantado” (anexo 1), recorrendo ao dispositivo de análise temática atrás apresentado; visamos, com esta análise, discutir a relevância que a análise temática ao nível da frase poderá ter enquanto contributo para a análise temática ao nível textual.

Por razões de ordem metodológica, dividimos o texto em análise em blocos textuais distintos: antetítulo/título (bloco textual 1), entrada<sup>1</sup> (bloco textual 2), corpo do texto (bloco textual 3) e identificação do autor do texto (bloco textual 4). A análise semântica das seleções temáticas realizadas ao longo do texto incidirá especificamente no segundo e no terceiro blocos textuais; no concernente a essa análise, seguimos a perspectiva funcionalista, considerando a frase como ponto de partida para a análise e entendendo o tema e o rema unidades cuja delimitação se situa imediatamente a seguir ao primeiro elemento de significado ideacional.

Quanto ao primeiro bloco textual, prevê-se que, devido à sua função macroestrutural, o antetítulo e o título orientem o processo interpretativo para dois dos temas/assuntos que serão abordados ao longo do texto: “Quinta da Sequeira” (antetítulo) e “Douro encantado” (título). Importa perceber se assim é realmente (ou seja, se este bloco textual tem uma função de orienta-

---

<sup>1</sup> Tendo em conta a atividade jornalística (em que o texto em análise se inscreve), entendemos entrada como “um curto texto (200 a 300 caracteres) que desperte a atenção e o interesse do leitor, deixando antever o clima e a tónica de abordagem do tema” (“Entrada” in *Livro de estilo*, Público).

ção temática) e se as unidades frásicas microlinguísticas que constituem os blocos textuais subsequentes refletem esse fenómeno macroestrutural. Para responder a esta questão, apresentamos o **Quadro 2**, que dá conta da análise semântica das seleções temáticas realizadas ao longo das frases que integram a entrada e o corpo do texto.

Bloco textual <sup>2</sup>	Tema					Rema	
	Função textual	Função inter-pessoal	Função Ideacional				
			Part.	Pred.	Circ.		
Entrada	1.1 1.2				Peque- nas, enruga- das e engelha- das.		Assim são as uvas que dão corpo a um vinho concentrado, generoso e nobre.
	1.3			[Nós]			Falamos da colheita tardia do Quinta da Sequeira.
	1.4				É nobre		o vinho do Douro [...] e a especiarias.
Corpo do texto	2.1			O Douro			não pára de surpreender.
	2.2	Desta feita				(Desta feita)	[ele] fê-lo [...] condições de vida aconselham.
	3.1	Então		que produto			é esse?
	3.2	Antes de o anunciar				(Antes de o anunciar)	digo-vos que quando as uvas [...] uma carga de podridão ou estragar-se [...] para se deitar fora.
	3.3	Mas				por vezes	em certos locais, ocorre um fenómeno deveras notável:
	3.4					diante desse excesso de humidade	as uvas são atacadas [...] e dão origem a um vinho magnífico

<sup>2</sup> Por uma questão metodológica, dividimos a entrada e o corpo do texto em parágrafos (correspondendo a entrada ao primeiro parágrafo e o corpo do texto aos restantes) e os parágrafos em frases (1.1 – parágrafo 1, frase 1; 1.2. – parágrafo 1, frase 2...).



	3.5			Tudo			acontece na sequência do ataque de podridão [...] o sumo da uva se evapora.
	3.6			Uvas como estas			são colhidas mais tarde [...] uvas tardias.
	3.7				Pequenas, enrugadas e engeladas,		[as uvas] transformam-se em uvas-passas [...] um vinho tão concentrado como generoso.
	3.8				Parca		é só a sua quantidade [...] as suas congêneres.
	4.1				Nobre		é o Quinta da Sequeira, Colheita Tardia, Branco, 2006.
	4.2			[O Quinta da Sequeira]			[é] Feito com uvas da casta Malvasia Fina [...] que produz.
	4.3					Com uma fermentação [...] aromas originais	estagiou em barricas novas de carvalho francês.
	4.4			[O Quinta da Sequeira]			Tem cor amarelo-forte brilhante [...] de flores e de especiarias.
	4.5					Antes da refeição	o Quinta da Sequeira é ideal [...] doces de ovos e café.
	4.6			[O Quinta da Sequeira]			Serve-se fresco [...] e é uma delícia
	5.1			Este vinho			é apenas vendido [...] a garrafa de 375 ml.
				[Este vinho]			[é] um presente especial para o Natal.
	6.1.	Até para a semana	(Até para a semana)			(Até para a semana)	com outros vinhos.

Quadro 2: Análise semântica das seleções temáticas realizadas na entrada e no corpo do texto “Douro encantado”

Em relação aos elementos de significado textual, podemos verificar que, apesar de o texto ter carácter argumentativo, são poucos os conectores realizados em posição temática com função textual (sendo de assinalar a sua ausência a partir de 3.4.). Por outro lado, em vez de estabelecerem relações de refutação, exemplificação, generalização (como seria de esperar, num texto de natureza argumentativa – cf. Morais, 1997), os constituintes de significado textual que se encontram em posição temática (“Assim”, “Desta feita”, “então”, “Antes de o anunciar”) explicitam de forma privilegiada relações retóricas de conexão sequencial – com efeito, os conectores assinalados articulam sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais mantêm entre si uma relação hierárquica de dependência semântica, contribuindo, por isso, para sinalizar a organização e o desenvolvimento do tema textual. A função destes constituintes frásicos não se limita, no entanto, ao estabelecimento da conexão – antes abarca a transmissão de informações de ordem ideacional, relacionadas com os estados de coisas descritos nas orações em que estão inseridos. Esta dupla função poderá ser justificada pelo objetivo que terá presidido à produção textual – divulgar um produto, articulando a dimensão publicitária e a dimensão informativa – ou, dito por outras palavras, publicitar uma marca de vinho através da transmissão de informação especializada, no âmbito da atividade enológica.

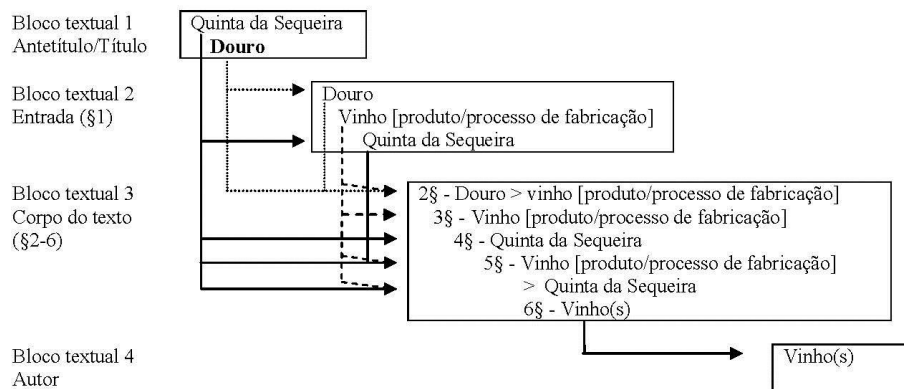
A função interpessoal é pouco seleccionada como ponto de partida para a mensagem, evidenciando o apagamento do sujeito produtor e realçando, uma vez mais, a dimensão informativa do texto. Com efeito, esta função não está presente ao longo dos três primeiros blocos textuais (sendo a presença do sujeito produtor do texto apenas marcada em 1.3., de forma elíptica). No entanto, é esta a função seleccionada para fechar o texto (6.1.), realçando o envolvimento do sujeito produtor naquilo que é dito e antecipando o último bloco textual, em que se identifica o produtor e o seu papel social (enófilo), se encerra o tema do texto (*[vinho] Quinta da Sequeira*) e se antecipa intertextualmente o conteúdo temático de um outro texto – (*outros*) *vinho(s)*.

Os temas com função ideacional sinalizam a organização temática do texto, remetendo para o (subtema) que será abordado na frase que introduzem. Assim, há constituintes frásicos em posição temática que:

- assumindo uma função semântica de participante, não marcada e, por vezes elíptica, remetem linearmente para os temas/assuntos *Quinta da Sequeira* (4.2, 4.4, 4.6, 5.2), *Vinho [produto/processo de fabricação]* (3.1, 3.5, 3.6) e *Douro* (2.1.);
- tendo uma função semântica de circunstante, marcada, remetem de forma privilegiada para o tema/assunto *Vinho [produto/processo de fabricação]* (“por vezes”, “diante desse excesso de humidade”, “Com uma fermentação [...] aromas originais”); para além disso, têm também uma função textual, já que conectam sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais mantêm entre si uma relação hierárquica de dependência semântica;

- atualizando a função semântica de predicador, marcada, introduzem, com elevado grau de subjetividade (a que poderemos considerar associada alguma preocupação estilística), o tema/assunto *Vinho [produto/processo de fabricação]* (1.1, 1.4, 3.7, 4.1), imbricado com os temas/assuntos *Douro* e *Quinta da Sequeira*.

Apesar de constituírem um fenómeno local, de ordem microlinguística, as seleções temáticas frásicas refletem a organização temática do texto, entendida como um fenómeno global e macroestrutural, orientando o processo interpretativo<sup>3</sup> do texto. O **Quadro 3** sintetiza, de forma esquemática, esse processo.



Quadro 3 – Processo interpretativo da organização temática do texto “Douro encantado”

Recorrendo a um processo interpretativo, poderemos concluir que, tal como se previa, o antetítulo e o título introduzem dois dos temas textuais (*Quinta da Sequeira*, *Douro*) – esses temas serão sucessivamente retomados na entrada e no corpo do texto, embora o tema *Douro* o seja somente em posição remática; por seu turno, o tema *Vinho [produto/processo de fabricação]* é introduzido apenas na entrada do texto, sendo insistentemente retomado no corpo do texto, em posição temática (circunstante). Um último

<sup>3</sup> Reiteramos a postura assumida por Coutinho (2011: 202-203) relativamente ao processo interpretativo: “Em primeiro lugar, assume-se o carácter fundamentalmente interpretativo de toda a atividade de linguagem – ou, se quisermos, de toda a atividade que se consubstancia (pelo menos em parte) através de uma componente textual (oral ou escrita). Desse larguíssimo conjunto de atividades – que, em última análise, corresponde ao ‘ambiente’ próprio dos seres humanos – faz parte, como é evidente, a atividade do(a) analista. Por esse motivo, aceita-se que as análises propostas não ultrapassam a condição de *percursos interpretativos* (Rastier, 2001). Irredutíveis a qualquer dogmatismo normativo, não constituem receitas nem soluções: ilustram possibilidades de aplicação das noções em causa, preservando a especificidade dos textos.”

tema (*Vinho(s)*) é introduzido apenas no último parágrafo, estando a sua função temática assegurada por articulações de ordem intertextual – não só porque remete para um novo texto do mesmo género, como também porque se relaciona com outros textos com a mesma temática, a serem produzidos posteriormente.

#### 4. Nota conclusiva

Com este trabalho pretendemos demonstrar que a análise do tema-rema ao nível microlinguístico, contribui para a identificação da formatação textual e, conseqüentemente, da forma como se processa a organização temática no texto, sinalizando a coerência e a progressão temática que ocorre no seio do mesmo. Contribui ainda para orientar o próprio percurso interpretativo – embora, só por si, não dê conta da complexidade que é inerente a este processo.

Tendo como base a análise textual efetuada, reiteramos a posição de Bronckart (2006) em assumir que, para uma compreensão da ação de linguagem, é necessário conciliar o estudo da tríade atividade, género e ação numa análise descendente, que compreende desde as atividades de linguagem até ao texto efetivamente produzido. Com efeito, os aspetos de ordem microlinguística evidenciados ao longo da análise temática (em termos de significado textual, interpessoal e ideacional) são justificados e fundamentados de acordo com o contexto de produção do género textual em causa – nomeadamente no que diz respeito ao objetivo com que o mesmo é produzido (divulgação de uma marca de vinho através da transmissão de informação de carácter enológico), objetivo esse que reflete a imbricação de duas atividades distintas – a comercial e a enológica/enófila.

#### 5. Referências bibliográficas

- Bronckart, Jean-Paul (2008). Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue. In: *Texto!* XIII. URL: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>.
- Bronckart, Jean-Paul (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Anna Rachel Machado & Maria de Lourdes Meirelles (orgs). Campinas: Mercado de Letras.
- Bronckart, Jean-Paul (1999). *Atividade de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.
- Coutinho, Maria Antónia (2005). Para uma linguística dos géneros de texto, *Diacrítica* 19(1). Braga: Universidade do Minho.
- Coutinho, Maria Antónia (2011). Macroestruturas e Microestruturas Textuais. In Isabel Duarte & Olívia Figueiredo (orgs.). *Português, Língua e Ensino*. Porto: U. Porto Editorial, pp. 191-217.
- Coutinho, Maria Antónia (2003). *Texto (s) e competência textual*. Lisboa: FCG-FCT.

- Eggins, Suzanne & James R. Martin (1998). Genre and Registers of Discourse. In Teun A. van Dijk (ed.). *Discourse as Structure and Process. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. Vol. I, 2 ed.. London: Sage, pp. 230-255.
- Gouveia, Carlos & Leila Bárbara (2006). Marcado ou Não-Marcado não É a Questão, a Questão É: Onde Está o Tema? In Désirée Motta-Roth, Nina Célia Almeida de Barros & Marcos Gustavo Richter (orgs.). *Linguagem, Cultura e Sociedade*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Halliday, Michael A. K. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Edward Arnold.
- Halliday, Michael A. K. (1985). *An introduction to functional systemic linguistics*. London: Edward Arnold.
- Halliday, Michael A. K. (1978). *Language as Social Semiotic. The social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold.
- Hasan, Ruqaiya & Fries, Peter (eds.) (1995). *On subject and theme: a discourse functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins.
- Leal, Audria A. (2011). *A Organização Textual do Género Cartoon: Aspectos Linguísticos e Condicionamentos não Linguísticos*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Morais, Maria da Felicidade (1997). *Análise temática. Contributos para o estudo das diferenças textuais tipológicas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.
- Público (1998). *Livro de Estilo*. Lisboa: Público.
- Rastier, François (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.
- Rastier, François (1989). *Sens et Textualité*. Paris: Hachette.
- Thompson, Geoff (2004). *Introducing Functional Grammar*, 2 ed. London: Hodder Arnold.
- van Dijk, Teun A. (1989). *La Ciencia del Texto*. Barcelona: Paidós Comunicación.

## Anexo 1

vinhos



**Por exemplo**  
Luis Baena é a sua graça e grande é a sua projecção. É assim o *chef* do Terraço do Hotel Tivoli, em Lisboa, que se juntou ao enólogo Mário Louro. Da aliança resultaram jantares enogastrónomicos. Pratos de luxo e vinhos de sonho, uma vez por mês.



das rolhas às garrafas

132 • notícias magazine 14.DEZ.2008

QUINTA DA SEQUEIRA  
**DOURO ENCANTADO**

Pequenas, enrugadas e engelhadas. Assim são as uvas que dão corpo a um vinho concentrado, generoso e nobre. Falamos da colheita tardia do Quinta da Sequeira. É nobre o vinho do Douro que se veste de amarelo-forte brilhante e que cheira a flores e a especiarias.

O Douro não pára de surpreender. Desta feita, fê-lo com um produto delicioso e muito próprio para a época natalícia que, por certo, iremos todos festejar – embora com parcimónia e discrição como as condições de vida aconselham.

Então, que produto é esse? Antes de o anunciar, digam-me quando as uvas estão na videira podem facilmente contrair uma carga de podridão e estragar-se, por causa da chuva ou de excesso de humidade, só servindo então para se deitar fora. Mas por vezes, em certos locais, ocorre um fenómeno deveras notável diante desse excesso de humidade, as uvas são atacadas por uma podridão nobre (são os franceses que lhe chamam *pourriture noble*) e dão origem a um vinho magnífico. Tudo acontece porque, na sequência do ataque de podridão, a película da uva acaba perfurada em centenas de pontos através dos quais o sumo da uva se evapora. Uvas como estas são colhidas mais tarde, precisam de tempo para a evaporação e a concentração de toda a sua parte carnuda, pelo que são apelidadas de uvas tardias. Pequenas, enrugadas e engelhadas, transformam-se em uvas-passas e estão na ori-

gem de um vinho tão concentrado como generoso. Parca é só a sua quantidade, pois um quilo de uvas-passas rende dez a vinte vezes menos mosto, a enviar para a fermentação, do que as suas congéneres.

Nobre é o Quinta da Sequeira, Colheita Tardia, Branco, 2006. Feito com uvas da casta Malvasia Fina, que é muito importante para o Douro devido à óptima qualidade dos vinhos que produz. Com uma fermentação muito lenta (de cerca de seis meses) e efectuada a baixas temperaturas para que o vinho guarde todos os aromas originais, estagiou em barricas novas de carvalho francês. Tem cor amarelo-forte brilhante e aromas muito concentrados de flores e de especiarias. Antes da refeição, o Quinta da Sequeira é ideal para acompanhar patés de *foie gras* e, no final, cai bem com sorvetes, doces de ovos e café. Serve-se fresco – entre 10 e 12° C – e é uma delícia.

Este vinho é apenas vendido no Clube Gourmet do El Corte Inglés, em Lisboa, no Linho e em Gaia, a 23 euros a garrafa garrafa de 375 ml. Um presente especial para o Natal.

Até para a semana, com outros vinhos. «  
Vasco d'Avillez ENÓFILO





INVULGAR  
**JANTAR ENOGASTRÓNOMICO**

Restaurante com muita tradição, requintado e dirigido à comunidade empresarial, ao *business*, à hora do almoço. Já à noite, transforma-se num espaço familiar e uma vez por mês oferece a oportunidade invulgar de se participar num jantar enogastrónomico. No Restaurante Terraço do Hotel Tivoli, em Lisboa, cada prato e cada vinho são explicados para comprovar a sua adaptação à iguaria. Ponha o gosto à prova. Informações pelo telefone 213198900. «



MODA  
**CHIVAS REGAL**

É uma criação única e exuberante. É pura moda e só para maiores de 18. Uma criação do estilista Alexander McQueen, que concebeu a embalagem e a Chivas o *whisky*. Desta festa só há duas mil garrafas em todo o mundo e poucas chegaram a Portugal. Uma maravilha rara para celebrar o Natal. «